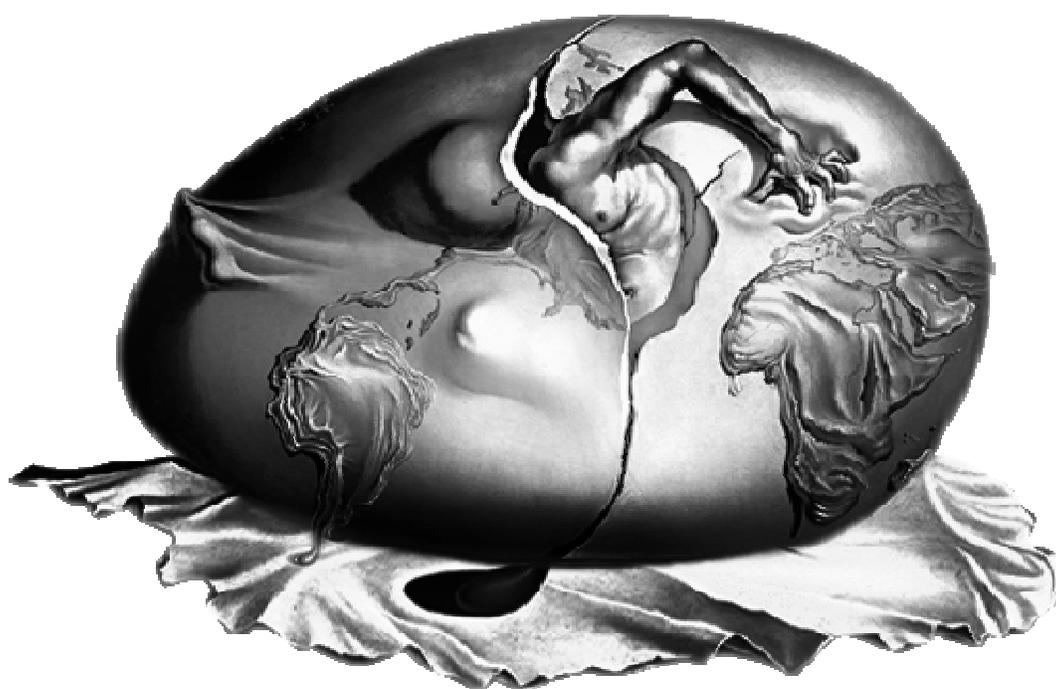


BOLETIM **PRESENÇA**

ANO I, nº 02, 1994



UNIR

MAX . SORRE, GÊNERO DE VIDA E OS RIBEIRINHOS DO MADEIRA

JOSUÉ DA COSTA SILVA*

SORRE, M.** A Noção de Gênero de Vida e seu Valor Atual. in: Boletim Geográfico nº 172 jan/fev.1963, AGB/SP. 1963.(Texto 1)***

Em um um artigo publicado nos *Annales de Géographie- Bulletin de La Société de Géographie*, de 1948, Max. Sorre vai tecer considerações sobre o trabalho de Vidal de La Blache datado de 1911. Tendo este como base, SORRE procura enriquecer o conceito de **Gênero de Vida** e mostrar a sua importância na atualidade. Antes, há o registro da crítica do autor sobre o silêncio da academia ao referido conceito.

O que vem a ser Gênero de Vida? SORRE ratifica a importância de conteúdo do conceito e afirma que "...a noção de Gênero de Vida, é extremamente rica, pois abraça a maioria, se não a totalidade das atividades do grupo e mesmo dos indivíduos. (...) êstes elementos materiais e espirituais são, no sentido exato da palavra, técnicos, processos transmitidos pela tradição e graças aos quais os homens se asseguram uma posse sobre os elementos naturais. Técnicas de energia, técnicas de produção de matérias-primas, de maquinaria, são sempre técnicos, como as instituições que mantêm a coesão do grupo assegurando sua perenidade". (SORRE, 1963:30).

O conceito de Gênero de Vida, desenvolvido por La Blache, está pautado em uma minuciosa observação de diversas culturas onde o poder criativo do gênio humano, estimulado pelo meio, elabora estratégia de sobrevivência própria para cada grupo. Gênero de Vida será, então, a combinação de técnicas.

Mas, La Blache e Sorre vão falar também de "elementos materiais e espirituais" e, em outro momento, SORRE afirma que perdemos gradativamente o "sentido do sagrado". O texto discorre ainda sobre o conteúdo da noção e evolução de Gênero de Vida. Entretanto já temos base para pensarmos o cotidiano dos ribeirinhos do Rio madeira.

Considerando o Gênero de Vida como o conjuntos de técnicas que foram repassadas de geração a geração, nascida da necessidade de dar uma resposta a alguma manifestação do meio, tal conceito torna-se bastante atual e próprio para a compreensão da organização social e espacial de grupos como os ribeirinhos.

Não vamos usar este conceito para classificar estas comunidades segundo o seu desenvolvimento. Isto empobrece o Gênero de vida e nos afasta da realidade que estamos analisando. O termo ribeirinho por si só constitui um universo bastante heterogêneo: há os que vivem da agricultura, da coleta de produtos da mata, os pescadores etc. Falaremos rapidamente dos pescadores: há os de igarapés, lagos e rios (é preciso lembrar a dimensão que cada uma destas categorias assumem na Amazônia). A diferenciação é grande, exige técnicas próprias, há o seu conjunto próprio representações simbólicas. Pescar no Rio Madeira requer conhecimentos que não são aplicados na pesca do pirarucu nos lagos. Para estes grupos sociais suas técnicas herdadas estão repletas de representações simbólicas, míticas que foram construídas por um grande senso de observação e interpretação das manifestações da natureza. Estas interpretações dão coesão aos grupos sociais e asseguram sua perenidade, como quer Max. Sorre.

*** Professor do Departamento de Geografia/UNIR; mestrando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo-USP; membro do Centro Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre o Imaginário Social.**

**** Max. Sorre nasceu em 1880 em Rennes, tendo falecido em 1962, geógrafo, pioneiro em defender o ponto de vista ecológico como método da Geografia**

*****O texto faz parte do acervo bibliográfico do Laboratório de Geografia Humana-LABOGEOH**